

O livro contém ainda um glossário que explica os conceitos correspondentes a 58 termos psicológicos. Esse pequeno *dicionário* será sempre consultado com proveito por todo estudioso da obra de Jung.

O volume correspondente nos *Collected Works* (n.º 6) até o presente momento não foi publicado. Além da tradução francesa, existem, da obra, traduções espanhola e portuguesa. Bons resumos do tema dos tipos psicológicos podem ser encontrados em outros livros de Jung:

Collected Works 7, pp. 40-62

Problèmes de l'âme moderne, pp. 195-216

L'Homme et ses symboles, pp. 58-66.

ESTRUTURA DA PSIQUE, INCONSCIENTE COLETIVO

Pode-se representar a psique como um vasto oceano (inconsciente) no qual emerge pequena ilha (consciente)

Consciente. Na área do consciente desenrolam-se as relações entre conteúdos psíquicos e o ego, que é o centro do consciente. Para que qualquer conteúdo psíquico torne-se consciente terá necessariamente de relacionar-se com o ego. Os conteúdos, os processos psíquicos que não entretêm relações com o ego constituem o domínio imenso do inconsciente. Jung define o ego como um complexo de elementos numerosos, formando, porém, unidade bastante coesa para transmitir impressão de continuidade e de identidade consigo mesma. Dada sua composição feita de múltiplos elementos, Jung usa frequentemente a expressão *complexo do ego*, em vez de ego, simplesmente. "A luz da consciência tem muitos graus de brilho e o complexo do ego muitas graduações de força."

Inconsciente. O inconsciente, na psicologia junguiana, compreende inconsciente pessoal e *inconsciente coletivo*.

Inconsciente pessoal

Esta denominação refere-se às camadas mais superficiais do inconsciente, cujas fronteiras com o consciente são bastante imprecisas. Aí estão incluídas as percepções e impressões subliminares dotadas de carga energética insuficiente para atingir o consciente; combinações de idéias ainda demasiado fracas e indiferenciadas; traços de acontecimentos ocorridos durante o curso da vida e perdidos pela memória consciente; recordações penosas de serem relembradas; e, sobretudo, *grupos de representações carregadas de forte potencial afetivo, incompatíveis com a atitude consciente* (complexos). Acrescenta-se a somada qualidades que nos são inerentes, porém que nos desagradam e que ocultamos de nós próprios, nosso lado negativo, escuro.

Esses diversos elementos, embora não estejam em conexão com o ego, nem por isso deixam de ter atuação e de influenciar os processos conscientes, podendo provocar distúrbios tanto de natureza psíquica quanto de natureza somática.

Inconsciente coletivo

Corresponde às camadas mais profundas do inconsciente, aos fundamentos estruturais da psíquica comuns a todos os homens.

"Do mesmo modo que o corpo humano apresenta uma anatomia comum, sempre a mesma, apesar de todas as diferenças raciais, assim também a

psique possui um substrato comum. Chamei a este substrato inconsciente coletivo. Na qualidade de herança comum transcende todas as diferenças de cultura e de atitudes conscientes, e não consiste meramente em conteúdos capazes de se tornarem conscientes, mas em disposições latentes para reações idênticas. Assim o inconsciente coletivo é simplesmente a expressão psíquica da identidade da estrutura cerebral, independente de todas as diferenças raciais. Deste modo pode ser explicada a analogia, que vai mesmo até a identidade, entre vários temas míticos e símbolos, e a possibilidade de compreensão entre os homens em geral. As múltiplas linhas de desenvolvimento psíquico partem de um tronco comum cujas raízes se perdem muito longe num passado remoto."

Estamos aqui bastante longe do conceito de inconsciente segundo Freud: "um caos ou uma caldeira cheia de pulsões em ebulição". No âmago do inconsciente coletivo Jung descobriu um centro ordenador — o *self* (si mesmo). Desse centro emana inesgotável fonte de energia. Seu papel é importantíssimo na psicologia junguiana, segundo veremos daqui por diante.

Em determinadas circunstâncias esse centro corresponde ao superego da psicologia freudiana. Quando a renúncia aos desejos egoístas ocorre por temor da opinião pública e dos códigos, conforme acontece ordinariamente, isso significa que o *self* permanece inconsciente e, nesta condição, projeta-se no exterior, identificando-se à consciência moral coletiva. Neste caso, *self* e superego coincidem. Mas,

desde que o *self* se torne perceptível como fator psíquico determinante, então a renúncia às exigências egoístas não será mais motivada pela pressão da moral coletiva, porém pelas próprias leis internas inenunciáveis, de modo inato, ao *self*. Em tais circunstâncias esta instância psíquica deixa de coincidir com o superego.

Apresenta-se naturalmente a pergunta: como foi que Jung chegou à formulação da hipótese do inconsciente coletivo, isto é, da existência de um substrato psíquico comum a todos os seres humanos?

Nas suas experiências sobre as associações de idéias, que o levaram, conforme vimos no segundo capítulo, à descoberta dos complexos, ele se familiarizara intimamente com o material reprimido das vivências pessoais. Trabalhara com normais, neuróticos e psicóticos. Segredos que envenenavam vidas tinham vindo à luz, ocultos mecanismos de sintomas haviam sido descobertos. Mas, às vezes, apresentavam-se problemas que pareciam insolúveis, sobretudo nas pesquisas com psicóticos. Jung estava convencido de que os sintomas da loucura, ainda os mais extravagantes, encerravam significações tanto quanto os atos falhos, os sonhos ou as manifestações neuróticas. E muitas dessas significações ele já desvendara trabalhando com uma paciência infinita. Entretanto havia delírios, havia alucinações que o deixavam às cegas. Não encontrava suas razões nos complexos que o método associativo apreendia nem na observação clínica. De onde viriam? Por mais que os estudasse, com os recursos de que dispunha, não achava o fio de suas significações. Não

obstante registrava cuidadosamente idéias delirantes, alucinações e gestos, por mais absurdos que fossem, dos loucos internados no hospital Burgholzi, Zurique, onde era chefe de clínica. Nas suas notas, correspondentes ao ano de 1906, fora consignado o encontro, nos corredores daquele hospital, com um esquizofrênico paranoide que, tentando olhar o sol, piscava as pálpebras e movia a cabeça de um lado para o outro. "Ele me tomou pelo braço dizendo que queria me mostrar uma coisa: se eu movesse a cabeça de um lado para o outro, o pênis do sol mover-se-ia também e esse movimento era a origem do vento." Quatro anos mais tarde, lendo a recente publicação de manuscritos gregos referentes a visões de adeptos de Mitra, Jung deparou com a seguinte descrição: "E também será visto o chamado tubo, origem do vento predominante. Ver-se-á no disco do sol algo parecido a um tubo, suspenso. E na direção das regiões do Ocidente é como se soprasse um vento de leste infinito. Mas se outro vento prevalecer na direção das regiões do Oriente, ver-se-á da mesma maneira o tubo voltar-se para aquela direção".

Esse achado revelador ocorreu no curso de 1910, quando Jung entregava-se apaixonadamente a estudos de arqueologia e de mitologia. Em suas *Memórias* conta por que naquela época ficou empolgado por esses assuntos. O motivo foi um sonho. Eis o sonho. Ele se acha numa casa desconhecida que, não obstante, era sua. Uma casa de dois andares. Inicialmente, encontra-se no andar superior, num salão ornado de belos quadros e provido de móveis

de estilo século XVIII. Descendo as escadas, chega ao pavimento térreo, onde o mobiliário é medieval e o piso de tijolos vermelhos. Percorre várias peças, explorando a casa até deter-se diante de uma pesada porta. Abre-a e vê degraus de pedra que conduzem à adega. Desce e encontra-se num amplo salão abobadado de aspecto muito antigo. Suas paredes são construídas à maneira dos romanos e o piso é formado por lajes de pedra. Por entre essas pedras descobre uma argola. Puxando-a, desloca-se uma laje, deixando aparecer estreita uma escada. Descendo ainda, vê-se numa caverna talhada na rocha. Espessa camada de poeira cobre o solo e de perto, entre fragmentos de cerâmica, descobre ossos espalhados e dois crânios humanos.

Para Jung os sonhos são autodescrições da vida psíquica. Sendo assim, interpretou esse sonho vendo na casa a imagem de sua própria psique. O consciente estava figurado pelo salão do primeiro andar, cujo mobiliário apresentava-se bem de acordo com a formação cultural do sonhador (filosofias do século XVIII e do século XIX); e o pavimento térreo correspondia às camadas mais superficiais do inconsciente. Quanto mais descia mais se aprofundava em mundos antigos, até chegar a uma espécie de caverna pré-histórica.

Seria então possível que cada indivíduo trouxesse consigo um lastro psíquico onde estivessem gravados vestígios da história da humanidade em marcas indeléveis?

Havia o caso impressionante das alucinações daquele pobre doente terem tanta analogia com as visões dos adeptos da religião de Mitra.

Assim, da convergência de dados empíricos obtidos na observação clínica com dados provenientes de sua própria experiência interna, originou-se a concepção do inconsciente coletivo de Jung.

O inconsciente coletivo funciona, na interpretação psicológica, como o denominador comum que reúne e explica numerosos fatos impossíveis de entender, no momento atual da ciência, sem sua postulação.

Enquanto o inconsciente pessoal é composto de conteúdos cuja existência decorre de experiências individuais, os conteúdos que constituem o inconsciente coletivo são impessoais, comuns a todos os homens e transmitem-se por hereditariedade.

Arquétipos

Muita confusão tem sido feita em torno do conceito de arquétipo. Há ainda quem continue repetindo que Jung admite a existência de idéias e de imagens inatas. É falso. Incansavelmente ele repete que arquétipos são possibilidades herdadas para representar imagens similares, são formas instintivas de imaginar. São matrizes arcaicas onde confluem analogias ou semelhantes tomam forma. Jung compara o arquétipo ao sistema axial dos cristais, que determina a estrutura cristalina na solução saturada, sem possuir, contudo, existência própria.

Como se originariam os arquétipos?

- Resultariam do depósito das impressões superpostas deixadas por certas vivências fundamentais, comuns a todos os seres humanos, repetidas incontestavelmente através de milênios. Vivências típicas, tais como as emoções e fantasias suscitadas por fenômenos da natureza, pelas experiências com a mãe, pelos encontros do homem com a mulher e da mulher com o homem, vivências de situações difíceis como a travessia de mares e de grandes rios, a transposição de montanhas etc.

- Seriam disposições inerentes à estrutura do sistema nervoso que conduziriam à produção de representações sempre análogas ou similares. Do mesmo modo que existem pulsões herdadas para agir de modo sempre idêntico (instintos), existiriam tendências herdadas para construir representações análogas ou semelhantes. Esta segunda hipótese ganha terreno nas obras mais recentes de Jung.

Seja qual for sua origem, o arquétipo funciona como um nódulo de concentração de energia psíquica. Quando essa energia, em estado potencial, se atualiza, toma forma, então teremos a *imagem arquetípica*. Não poderemos denominar essa ima-

gem de arquétipo, pois o arquétipo é unicamente uma virtualidade.

Nunca nos maravilharemos bastante se pensarmos nesse prodigioso fenômeno que é a formação de imagens interiores. *Como* elas se configuram às custas de energia psíquica, ninguém sabe. Também não se conhece o *como* das transformações energéticas das quedas-d'água em luz, da luz em calor. Mas a prova da transformação de energia psíquica em imagens nos é dada todas as noites nos nossos próprios sonhos, quando personagens conhecidas ou estranhas surgem das profundezas para desempenhar comédias ou dramas em cenas mais ou menos fantásticos.

A noção de arquétipo, postulando a existência de uma base psíquica comum a todos os seres humanos, permite compreender por que em lugares e épocas distantes aparecem temas idênticos nos contos de fadas, nos mitos, nos dogmas e ritos das religiões, nas artes, na filosofia, nas produções do inconsciente de um modo geral — seja nos sonhos de pessoas normais, seja em delírios de loucos.

Vejamos um exemplo: o tema mítico do *eterno retorno*. Vamos encontrá-lo profundamente enraizado nas convicções ingênuas de sociedades primitivas, seguras de que ocorrerá uma volta aos tempos das origens, era de abundância e de felicidade. Vestida em roupagens magníficas, a mesma idéia está incorporada à cosmogonia hindu, com os seus quatro Yugas (períodos) que se desdobram lenta e in-

cessantemente em ciclos perenes, marcados nos seus movimentos de expansão e de declínio por acontecimentos mitológicos sempre idênticos. Resurge a idéia com os filósofos gregos pré-socráticos Anaximandro e Pitágoras. E Platão estava convicto que as artes e a filosofia inúmeras vezes já se haviam desenvolvido até atingirem seu apogeu para declinarem e extinguirem-se à espera do reconeço de novo ciclo. O tema do eterno retorno reaparece na interpretação da história segundo Vico (século XVIII): a história de todas as nações segue um curso que repete sempre três fases — a idade divina, a idade heróica e a idade humana. Seguem-se inevitáveis crises que conduzem cada nação a ruínas das quais reaparece necessariamente novo ciclo das três idades.

Diante de Nietzsche a visão do eterno retorno apresentou-se terrível. Ele a transportou para a existência individual. Todas as percepções, sentimentos, pensamentos, gestos de sua própria vida estariam inexoravelmente condenados a repetir-se sem fim. Em suas palavras: "Que aconteceria se um demônio te dissesse um dia: esta vida, tal como a vives atualmente, será necessário que a revivas ainda uma vez, e uma quantidade inumerável de vezes. É preciso que cada dor e cada alegria, cada pensamento e cada suspiro voltem a ti, e tudo isso na mesma seqüência e na mesma ordem, e também essa aranha e esse raio de luar por entre as árvores, e também este instante e eu mesmo". A idéia do eterno retorno apoderou-se do esquizofrênico Júlio, paciente de um hospital psiquiátrico no Rio de Janeiro. Ele se

imagina prisioneiro de uma cadeia de fatos e de pensamentos que se reproduzem e se sucedem sem trégua, regidos pelo que ele chama de "movimento de repetição".

Nietzsche, apesar do horror que a visão do eterno retorno lhe infindiu, encontrou no seu gênio a força para elaborá-la intelectualmente, enquanto Júlio ficou possuído pela mesma idéia completamente desprovido da possibilidade de trabalhá-la com o pensamento consciente.

Símbolo

Nem toda imagem arquetípica é um símbolo por si só. Em todo símbolo está sempre presente a imagem arquetípica como fator essencial, mas, para construí-lo, a essa imagem devem ainda juntar-se outros elementos. O símbolo é uma forma extremamente complexa. Nela se reúnem opostos numa síntese que vai além das capacidades de compreensão disponíveis no presente e que ainda não pode ser formulada dentro de conceitos. Inconsciente e consciente aproximam-se. Assim, o símbolo não é racional, porém as duas coisas ao mesmo tempo. Se é de uma parte acessível à razão, de outra parte lhe escapa para vir fazer vibrar cordas ocultas no inconsciente: "Um símbolo não traz explicações; impulsiona para além de si mesmo na direção de um sentido ainda distante, inapreensível, obscuramente sentido e que nenhuma palavra de língua falada poderia exprimir de maneira satisfatória" (Jung).

Figuras sintéticas, substitutivas de coisas conhecidas, não são símbolos — são *sinais*. Exemplo: asas estampadas no quepe dos aviadores. Representações figuradas de objetos ideais ou materiais não são símbolos — são *alegorias*. Exemplo: a Justiça representada por uma mulher de olhos vendados. Os símbolos, segundo Jung, são a expressão de coisas significativas para as quais não há, no momento, formulação mais perfeita. Exemplo: a imagem da caverna, descrita por Platão, onde homens acorrentados vêem apenas o movimento de sombras sem se darem conta de que desconhecem a verdadeira realidade.

Os símbolos têm vida. Atuam. Alcançam dimensões que o conhecimento racional não pode atingir. Transmitem intuições altamente estimulantes, prenunciadoras de fenômenos ainda desconhecidos. Mas desde que seu conteúdo misterioso venha a ser apreendido pelo pensamento lógico, esvaziam-se e morrem.

O conceito junguiano de símbolo difere, portanto, do conceito de símbolo da escola freudiana. As representações disfarçadas de conteúdos reprimidos no inconsciente são símbolos para os freudianos e apenas sinais para os junguianos. Freud afirma que a simbolização surge como resultado do conflito entre a censura e as pulsões reprimidas, enquanto Jung, em vez de ver na atividade formadora de símbolos o resultado de conflitos, vê uma ação mediadora, uma tentativa de encontro entre opostos movida pela tendência inconsciente à totalização. Outra diferença consiste em que, na concepção

freudiana, embora os símbolos sejam numerosos, referem-se sempre a reduzido número de idéias inconscientes que dizem respeito ao corpo do indivíduo, às personagens da família, aos fenômenos do nascimento, da sexualidade e da morte. O símbolo, na concepção junguiana, é uma linguagem universal infinitamente rica, capaz de exprimir por meio de imagens muitas coisas que transcendem as possibilidades específicas dos indivíduos.

Freud sustenta que todas as ocorrências da vida psíquica pessoal ficam indelevelmente gravadas no inconsciente. Nada se apaga. Tudo se conserva e, sob circunstâncias favorecedoras, poderá voltar a surgir. E, para ilustrar essa idéia, recorre a uma comparação fantasista. Imagina Roma vista num corte em profundidade, conservadas suas diversas fases: a Roma quadrada, pequena colina erguida sobre o monte Palatino; a Roma dos Septimonium, que reuniu a população instalada sobre sete colinas; depois a área delimitada pela muralha de Sêrvio Túlio; a seguir, a cidade cercada pelas muralhas construídas sob ordens do imperador Aureliano e, posteriormente, cada fase de transformação da cidade eterna, tudo isso preservado, todas as fases conservadas intactas e não apenas ruínas esparsas, correspondentes a este ou àquele período. Assim seria a vida psíquica inconsciente. Seus conteúdos manter-se-iam permanentemente iguais.

A concepção de Jung é diversa. Desde o início ele via o inconsciente num constante trabalho de reverter conteúdos, de agrupá-los e de reagrupá-los.

Mais tarde porém, através de sua experiência clínica, chegou à conclusão de que algo ainda mais importante acontecia: os conteúdos do inconsciente não se *manthram* necessariamente iguais para sempre. Eram suscetíveis de metamorfoses. Será possível acompanhá-las através dos sonhos, nos casos individuais. Na vida social poderão ser captadas sobretudo nas transformações dos símbolos religiosos. O inconsciente *sofre mudanças e produz mudanças*. Influencia o ego e poderá ser influenciado pelo ego.

Desde que a atividade consciente repousa sobre o lastro básico dos instintos e dos arquétipos, será utilíssimo para a saúde psíquica estabelecermos um diálogo entre consciente e inconsciente, a fim de nos apropriarmos do influxo energético que emana do dinamismo das estruturas de fundamento da vida psíquica. Quando se abrem fendas demaisiadas largas entre consciente e inconsciente, surge a neurose, a doença da nossa época. Será, portanto, de vital importância dedicar conscienciosa atenção às imagens arquetípicas. Tais como se apresentam, elas correspondem a um modo de vida arcaico. Teremos de elaborá-las na medida em que possamos atingi-las e de modificá-las no sentido de adaptação às necessidades de nosso tempo.

É este, resumidamente, o pensamento de Jung, expresso nos seus últimos escritos. Nota-se uma ampliação em profundidade do diálogo entre consciente e inconsciente, já iniciado no seu livro de 1928, *As relações entre o Ego e o Inconsciente*.

Tendo presentes esses dados, compreender-se-á por que a psicologia junguiana não se interessa unicamente em fazer achados arqueológicos nas produções do inconsciente e em interpretá-los como sobrevivências de mundos mais antigos. Afigurase-lhe ainda mais importante descobrir e acompanhar, nessas produções, o contínuo processo de elaboração dos conteúdos do inconsciente.

Um dos últimos livros de Jung tem por título *Aion* (1950). É Aion o deus da religião mitraica que representa o eterno evolver do tempo, e *éon* significa uma era, um segmento de tempo histórico. Sobre esse título Jung estuda as modificações da visão do mundo formada pelo homem no curso da era cristã em correlação com as transformações pelas quais vem passando o arquétipo do *self* (si mesmo).

Esta linha de pensamento do mestre orienta as pesquisas de Marie-Louise von Franz. Em estudos de muita originalidade, ela já apresentou dois cortes transversais, distantes um do outro catorze séculos, desse lento processo de desenvolvimento que se vem desdobrando nas profundezas do inconsciente coletivo. No seu trabalho *Passio Perpetua* ela analisa os sonhos de Santa Perpétua, mártir cristã do século I, mostrando que o cristianismo havia sido incorporado às correntes de forças ascendentes do inconsciente. Com efeito, o desenvolvimento do homem ocidental exigia, naquela fase de decadência do Império romano, a repressão da vida instintiva a fim de que a consciência se diferenciasse melhor. E era este, precisamente, o programa da nova religião.

Em outro ensaio, *Sonhos e visões de São Nicolau de Flüe*, Marie-Louise von Franz continua a pesquisa dos processos em desenvolvimento no inconsciente coletivo. Os sonhos e visões do santo suíço do século XV evidenciam que o obscuro labor do inconsciente havia conduzido seus conteúdos a um estágio bastante diferente da situação no tempo de Santa Perpétua. Agora, nos sonhos de São Nicolau, símbolos pagãos vinham *fisionar-se* com símbolos cristãos. Num desses sonhos, por exemplo, Cristo se apresenta revestido numa pele de urso, tal como costumava fazer o deus germânico Wotan quando errava pelos caminhos do Norte da Europa. E essa imagem desperta no santo um inefável sentimento de amor. Cristo vestindo pele de urso é um símbolo em cuja construção se reúnem aspecto espiritual luminoso e aspecto escuro animal, formando uma totalidade. Curioso testemunho contemporâneo dessa aproximação de opostos em elaboração é a pintura de um rapaz pernambucano, feita em 1963 (nossa coleção particular), onde se vê a Virgem Maria com os pés mergulhados no interior da cabeça de um gato preto. A orla do manto azul da Virgem dá o colorido aos olhos do gato, e a ponta de seus pés confunde-se com os dentes do animal. Essa imagem bem pouco dogmática reúne o aspecto luz e pureza da bem-aventurança aos atributos terrestres da mulher, representados pelo gato, animal que é o mais apto representante de sua sombra e que sempre esteve em conexão com as Mães Divinas pagãs.

Observe-se que nesses exemplos não se verifica mera emergência de símbolos pagãos, mas a tendência desses símbolos a fundirem-se com os símbolos cristãos, permitindo admitir-se que está em curso, no inconsciente, uma *reorganização* de seus conteúdos.

Uma vez obtida a diferenciação dos opostos Deus e diabo, bem e mal, instinto e espírito, que foi psicologicamente necessária ao afinamento da sensibilidade do homem ocidental, parece que muito lentamente se está preparando, nas profundezas da psique, uma nova reaproximação entre opostos, reaproximação que se realizaria, porém, num nível mais alto que aquele de sua primitiva coexistência. Nas produções do inconsciente vão-se acentuando os sinais anunciadores de que se delineia uma futura coordenação de forças onde os instintos (o animal em nós) venham a ser integrados aos valores espirituais de nossa cultura.

Leituras

O inconsciente coletivo está presente, por assim dizer, em toda a obra de Jung. Entretanto, no primeiro tomo do volume 9 das obras completas (edição inglesa), *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*, estão reunidos os trabalhos fundamentais sobre o assunto. Nesse livro o leitor poderá acompanhar a elaboração das idéias de Jung sobre o inconsciente coletivo e os arquétipos através de diversos trabalhos a partir de 1936. Três ensaios de caráter geral estabelecem as bases teóricas. Seguem-se outros, que se ocupam de arquétipos específicos: aspectos psicológi-